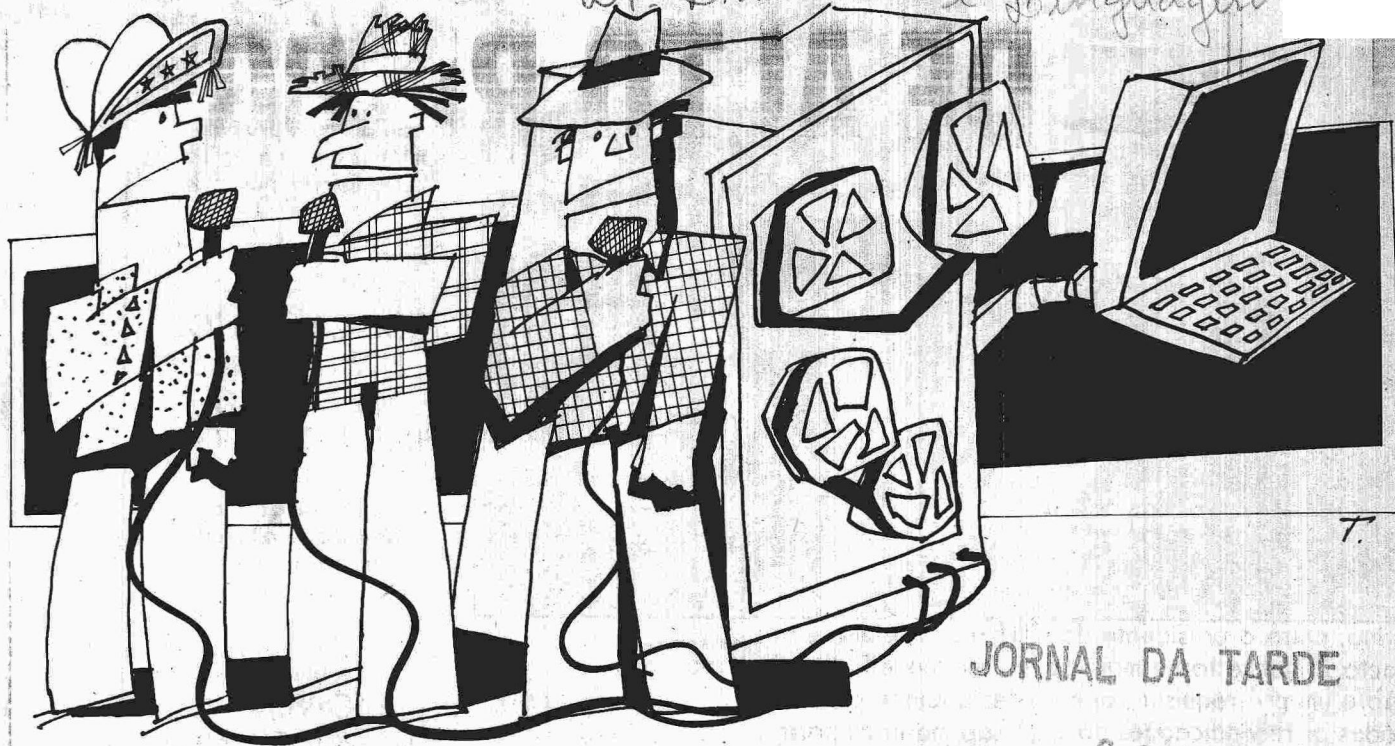




JORNAL DA TARDE

20 SET 1990

Brasília já tem o seu sotaque

Em apenas três décadas, surgiu um novo modo de falar na cidade, sem regionalismos.

Sem o erre caipira paulista, sem as tônicas fechadas dos mineiros do Interior e sem as tônicas abertas do nordestino, Brasília já cultiva o seu próprio sotaque. Este mês será inaugurado o primeiro banco de dados sobre o falar brasileiro, no Laboratório de Linguística de Brasília, com mais de 350 fitas e oito vídeos coletados nos últimos sete anos entre os migrantes e a população jovem da cidade. Na análise dos linguistas o sotaque de Brasília "é uma síntese do que há de mais bonito e prestigiado entre as falas das diversas regiões do País".

"A busca de uma identidade cosmopolita da cidade se revela em sua maneira de falar", analisa a professora Stella Maris Bortoni, coordenadora dos trabalhos sobre contato de dialetos. Essa é uma linha de pesquisa cujo principal objetivo é detectar o surgimento de um novo padrão de linguagem numa população que no censo de 1980 já registrava 31,6% de nascidos em Brasília. Segundo a professora Stella, os migrantes vindos do mundo rural abandonam rapidamente o sotaque interiorano e seus filhos adotam uma forma de falar que inclui um somatório de sotaques, mas sempre com os sons e fonemas de maior prestígio social.

O primeiro trabalho científico que constatou o fenômeno foi realizado em 1986 por Elizabeth Hanna, aluna de pós-graduação do Departamento de Linguística. Ela analisou as falas de famílias de

paraibanos e cariocas estabelecidos em Brasília. E constatou que as crianças adotavam um novo sotaque, enquanto os adultos perdiam as características regionais de linguagem, estigmatizadas ou como deselegantes ou como incorretas.

No ano passado o professor de língua portuguesa Djalma Melo gravou falas de migrantes do Nordeste, Sul e Centro-Oeste, que liam o mesmo trecho. E submeteu as falas à análise de universitários e estudantes de um curso supletivo, de classes sociais diferentes. O resultado foi que as pessoas classificam a fala dos jovens brasilienses como a mais correta gramaticalmente e a mais elegante.

"Todos os sons ligados a traços regionais são avaliados negativamente e por isto desaparecem da fala do brasileiro", conclui a professora Stella Maris, que orientou os dois trabalhos. Mesmo o sotaque carioca, que reina na televisão, é estigmatizado em Brasília.

Na Capital, é comum alguém sair de um "bloco", fazer um "balão", passar por uma "tesourinha" e pegar o "eixo" em direção à sua SQN ou SQS. Ao lado do sotaque específico que aparece na cidade surgem novas palavras, consequência imediata dos apartamentos localizados em "blocos", de viadutos cujos acessos sinuosos imitam uma "tesourinha", e da denominação dos grandes bairros centrais da cidade, Superquadra Norte-SQN ou Superquadra Sul-SQS, sem contar o

"eixo" ou avenida principal.

"O sotaque daqui é composto porque a cidade é uma soma de várias vertentes do Brasil", resume o senador Pompeu de Souza, de 74 anos, que mudou para Brasília quando ainda não havia cidade e desembarcou pela primeira vez na região do Planalto acompanhado de Juscelino Kubitschek e de Tancredo Neves. Pompeu nasceu no Ceará, morou no Rio de Janeiro durante 30 anos e vive há 30 anos em Brasília, onde tem 7 filhos e 11 netos. Ele acha que há um pouco de sotaque goiano em Brasília e também fortes características do falar nordestino e do carioca, sobretudo pela influência dos funcionários públicos que vieram do Rio com a mudança da capital.

Para o professor Djalma Mello, entretanto, as falas regionais estão desaparecendo cada vez mais rapidamente entre os jovens. Como professor de língua portuguesa num colégio de 2º grau, Djalma observou, recentemente, três exemplos de alunos recém-chegados em Brasília — um goiano, um carioca e um nordestino — que durante apenas um semestre de aula foram perdendo os sotaques regionais e incorporando o falar brasileiro. "Eu mesmo, que nasci no Ceará, acho que já não falo como cearense, a não ser as vogais muito abertas (como o ó e o é) que dificilmente a gente perde depois de adulto", afirmou.

Elza Pires/AE